

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA NA OBRA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Roniê Rodrigues da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UFRGN

Resumo: Partindo dos estudos de Michel Foucault a respeito das genealogias das relações de poder e da história da loucura na Era Clássica, o presente artigo visa realizar uma leitura crítica de dois textos do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade, observando como a ideia de anormalidade se constitui através de uma “vontade de verdade”, que por meio de dispositivos de controle cria formas de segregação da alteridade desviante, impondo-lhe como destino a prisão, o manicômio, o esquecimento.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; Loucura; Saber-poder; Segregação.

REPRESENTATIONS OF MADNESS IN THE WORK OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Abstract: Starting from the studies of the Michel Foucault about the genealogy of power relationships and the history of madness in the Classical Era, this research aims to accomplish a critical reading of two texts from the brazilian writer Carlos Drummond de Andrade. We observe how the idea of abnormality is constituted by a real will, which through control devices creates forms of segregation of deviant alterity by imposing as fate the prison, the asylum and the oblivion.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade; Madness; Knowledge-power; Segregation.

Shoshana Felman (1991), crítica de literatura americana e professora de Literatura Comparada na Universidade de Emory, observou numa de suas falas que a aproximação entre a literatura e a loucura deve-se ao fato de serem ambas irreduzíveis à interpretação. Considerando essa afirmação, a loucura não pode ser única e propriamente tratada como doença, reduzida ao objeto de domínio da psiquiatria, mas concebida de maneira polimorfa e múltipla revelada na própria linguagem dos sujeitos considerados anormais, os quais retratados ficcionalmente veiculam representações trágicas do insano. O caráter irreduzível da insanidade apontado por Felman é o mesmo lembrado por Michel Foucault ao observar que antes de dominada por volta da metade do século XVII, a loucura “tinha estado ligada, obstinadamente, a todas as experiências maiores da Renascença”¹. A figuração plástica e literária da demência irrompe, durante o período referido pelo filósofo francês, por meio de personagens bufões, espetáculos bizarros, sujeitos errantes, que provocam medo e fascínio.

Partindo dessa constatação e de que as representações da loucura se dividem, como ainda observa Foucault (2013), em teóricas e trágicas, este texto se propõe a realizar uma análise crítica acerca da representação da loucura a partir da leitura de dois textos do poeta Carlos Drummond de Andrade cognominados “Doido”, do livro de poemas *Boitempo: esquecer para lembrar*, e “A doida”, de *Contos de Aprendiz*, observando a relação entre as práticas discursivas acerca da anormalidade e os poderes que as constituem, refletindo sobre as formas de segregação da loucura.

Discutir a representação da loucura a partir da obra de Drummond parece-nos oportuno a fim de que possamos avaliar o fenômeno da anormalidade, levando em consideração uma ótica descentralizada dos poderes forjados arbitrariamente e que se sustentam e se propagam por meio de um modelo que Foucault designa como pertencente a uma “ordem do discurso”. Nesse sentido, a obra do poeta aparece como uma grande provocação para se pensar uma condição humana singular, articulando questões estéticas com as sociais.

¹ FOUCAULT, 2013, p. 08.

1. O (não) lugar da loucura no espaço da cidade

Em sua *História da loucura*, Foucault discute o modo como as localidades europeias se relacionam, na passagem do Renascimento para a Era Clássica, com os seus loucos públicos. O filósofo observa as diferentes formas de condenação da insanidade, e do sujeito considerado anormal, aplicadas pela maioria das cidades durante aquele período:

As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos. [...] Não é fácil levantar o sentido exato deste costume. Seria possível pensar que se trata de uma medida geral de expurgo que as municipalidades fazem incidir sobre os loucos em estado de vagabundagem; hipótese que por si só não dá conta dos fatos, pois certos loucos, antes mesmo que se construam casas especiais para eles, são recebidos nos hospitais e tratados como loucos.²

Destinado à errância ou segregado em espaços que, embora recebam o nome de hospitais, se assemelham a prisões, o sujeito insano é quase sempre retirado da cena pública, exilado do convívio com os seus familiares e com os demais habitantes da comunidade. Considerando a prática desse banimento, problematizaremos nesse ponto do trabalho o sentido real da exclusão da loucura a partir da leitura do poema “Doido”, visando analisar criticamente o lugar que a loucura ocupa no espaço das cidades, quais lugares são reservados aos sujeitos considerados anormais e como são tratados pelas municipalidades.

Em “Doido”, poema publicado no livro *Boitempo: esquecer para lembrar*, o poeta mineiro representa o relacionamento da cidade com a loucura a partir da figura do louco público, conforme se observa:

Doido

² FOUCAULT, 2013, p. 13, 14.

O doido passeia
pela cidade sua loucura mansa.
É reconhecido seu direito
à loucura. Sua profissão.
Entra e como onde quer. Há níqueis
reservados para ele em toda casa.
Torna-se o doido municipal,
respeitável como o juiz, o coletor,
os negociantes, o vigário.

O doido é sagrado. Mas se endoida
de jogar pedra, vai preso no cubículo
mais tétrico e lodoso da cadeia.³

O poema inicia enfatizando o aspecto andarilho, errante, do sujeito desprovido da razão que ‘passeia pela cidade’ enquanto a sua loucura aparece controlada, ‘mansa’. A cidade, até certo ponto, parece adotá-lo, acolhendo-o com determinada compaixão e afetividade, ao mesmo tempo que o alimenta. No espaço citadino, o louco chega a ganhar mesmo algum status, tornando-se o ‘doido municipal’, e é comparado a outras figuras ilustres, respeitáveis como o juiz, os negociantes e o vigário. No desenvolvimento do texto, o personagem do louco é associado ainda às instâncias do sagrado, aludindo talvez, como observaria o filósofo, ao fato de que a sua fala pode ser considerada oracular e ele uma espécie de profeta:

[...] pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. É curioso constatar que durante séculos na Europa a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade.⁴

Discorrendo a respeito dos mecanismos de exclusão do discurso, Foucault observa o paradoxo de que se reveste a fala do sujeito louco, entre um valor de nulidade e o de carregar uma verdade oculta, uma adivinhação, quase uma premunição. Essa sabedoria oracular remete o discurso do louco ao universo das divindades, às artes divinatórias. Nesse sentido, a loucura transitaria

³ ANDRADE, 2017, p. 85.

⁴ FOUCAULT, 1996, p. 11.

também pelo espaço do grande mistério, pelos limites do proibido, do que é temido e por isso objeto de desejo de controle.

No desenvolvimento do poema de Drummond, acompanhamos todavia uma reviravolta no tratamento dado à loucura no momento em que o personagem do doido implica uma ameaça a determinados valores, quando ‘endoida de jogar pedra’. Essa ação realizada pelo sujeito considerado anormal, é claro, deve ser entendida num sentido mais abrangente, envolvendo aquilo que pode representar perigo, intimidação ou qualquer coisa parecida. O suposto perigo assinalado no verso “endoida de jogar pedra” relaciona-se, também, ao discurso do louco, que não pode circular como o dos outros indivíduos, pois embora seja palavra sem importância, quase sempre não acolhida perante a justiça, pode transmitir uma verdade escondida, como mais uma vez assinala o teórico:

Na Europa, no teatro medieval ou no Renascimento, ou ainda no teatro barroco, no início do século XVII, com frequência é a esse personagem do louco que cabe a tarefa de dizer a verdade. [...] no Ocidente, ao menos no teatro do século XVI e do século XVII, o louco é, antes, o portador da verdade. [...] O louco é o portador da verdade e ele a conta de um modo muito curioso. Pois ele sabe muito mais coisas do que aqueles que não são loucos: ele tem uma visão de uma outra dimensão.⁵

O fato de saber coisas que aos outros são desconhecidas, de ser o portador de uma verdade latente, é correlato de ‘jogar pedra’, podendo tornar-se uma ameaça similar. Por essa razão, o louco pode ser impedido de falar e quando o faz o seu discurso é estigmatizado, sendo acusado de revelar uma percepção ingênua ou prejudicial do mundo. A partir daí, o seu comportamento possui apenas valor de sintoma, suas ações, assim como as suas palavras, não valem outra coisa além de indício de desequilíbrio e perigo. Como resposta a essa conduta, a comunidade passa a excluí-lo do convívio social, destinando-o à prisão.

Criticamente falando, essa mudança de atitude em relação à figura do louco, como narrada no poema em análise, nasceria da vontade de pôr em

⁵ FOUCAULT, 2006, p. 239.

prática procedimentos de produção, controle e distribuição das ações dos sujeitos e de seus discursos. Sobre os mecanismos utilizados para tal feita, o estudioso relaciona o da exclusão responsável por provocar uma separação entre razão e loucura: “Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que a sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância”⁶.

Em sua tese sobre a história da loucura, Foucault observa que, em contraposição à época do Renascimento, no período da Era Clássica a insanidade sofre um estranho golpe de força que a reduz ao silêncio. Como resultado desse golpe, o território natural da loucura passa a ser aquele designado pelas práticas do internamento, do banimento e do isolamento do sujeito considerado anormal, que deixa de ocupar a cena pública para ser expatriado do convívio social, tal qual ocorre na lírica drummondiana, em que o doido é destinado à prisão: “Mas se endoida de jogar pedra, vai preso no cubículo mais tétrico e lodoso da cadeia”⁷.

Tanto no período discutido por Foucault, como no texto que tomamos para leitura, o banimento do sujeito considerado anormal deve ser interpretado como um gesto com implicações para além do sentido médico, com significações de natureza política, social, religiosa, econômica e moral. Isso porque o internamento não ocorre motivado por uma preocupação com a cura, nem mesmo com qualquer forma de tratamento, mas com o desejo de manutenção da ordem, de um pretense equilíbrio social. Na Era Clássica, a exclusão da loucura acontece por diversos meios, sobretudo pelo advento da grande internação que irrompe como uma forma de autoridade e coação responsável por segregar qualquer manifestação de anormalidade:

É evidente que o internamento, em suas formas primitivas, funcionou como um mecanismo social [...]. Daí supor que o sentido do internamento se esgota numa obscura finalidade social que permite ao grupo eliminar os elementos que lhe são

⁶ FOUCAULT, 2006, p. 10.

⁷ ANDRADE, 2017, p. 85.

heterogêneos ou nocivos [...] o internamento seria assim a eliminação espontânea dos “a-sociais”.⁸

Embora tenha se acentuado no período do classicismo pelo advento das instituições de internamento, o exílio da loucura já ocorrera antes, quando fora expatriada do convívio citadino pelo exercício da errância potencializada pela famosa nau dos loucos, bastante comum durante a Renascença. Enquanto em “Doido” observamos uma deambulação que acontece nos limites da própria comunidade, quando o personagem demente ‘passeia pela cidade’, a nau dos loucos aparece outrora como uma medida geral de expurgo aplicada pelas municipalidades, escorraçando para fora dos limites da cidade os sujeitos indesejados, considerados perigosos. A nau realiza o exílio da loucura, impondo uma vontade de normalização que será enfatizada depois pela prisão, pelo internamento e pelas demais práticas de isolamento dos sujeitos tidos como anormais.

Nesse entendimento, a segregação da loucura aparece principalmente como uma forma de interdição sobre o outro, o diferente, o indivíduo que se torna ou pode vir a se tornar uma ameaça. Por isso é que não é atribuído a esse afastamento qualquer sentido médico, mas condenatório e punitivo, tal qual ocorre ao personagem da lírica quando se torna vítima de medidas policiais que se destinam a enclausurar o sujeito considerado anormal no “cubículo mais tétrico e lodoso da cadeia”⁹. O confinamento do doido deve ser entendido, assim, como nascido da ação de instrumentos de saber-poder aportados num suporte institucional que visa impor uma vontade de verdade, no sentido discutido por Foucault (1996).

Nessa interpretação, cabe ao poder político a função de instaurar uma terapêutica que é antes de qualquer coisa policial e que, em nome de uma pretensa ordem pública, destina ao ‘cubículo tétrico e lodoso’ o sujeito desviante, que não se assenta a uma ordem estabelecida, agindo para além do que é concebido, permitido a ele na sua loucura ‘mansa’. Na linha demarcatória entre o que é aceitável e o que não é, existe um “mas”,

⁸ FOUCAULT, 2013, p. 90.

⁹ ANDRADE, 2017, p. 85.

assinalando até onde pode ir o doido, até que ponto se admite a sua anormalidade.

Dessa maneira, a sua loucura é permitida enquanto parece dominada. Não é por acaso que, no poema de Drummond, o comportamento do doido, até certo ponto, se assemelha ao de um animal sem dono, que amansado pode passear pela localidade, conviver com o indivíduo humano, sendo alimentado em qualquer residência, entrando e saindo de qualquer lugar quando bem quiser. Nessas circunstâncias, o seu direito à loucura se assemelha ao direito a uma animalidade domesticada que não pode transgredir o território da ordem social. Quando essa transgressão se opera, entram em cena os dispositivos de controle e normatização das práticas e condutas do sujeito, visando recolocá-lo à mercê de um sistema que busca a todo custo coibir qualquer manifestação não autorizada.

Num outro sentido filosófico, a loucura poderia ser interpretada como um campo de imanência do desejo semelhante ao que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996) designam como “Corpo sem órgãos” e que pode ser hipocondríaco, paranoico, esquizo, drogado, masoquista ou ainda outro. Relacionada a qualquer uma dessas manifestações, aquilo que se toma como anormalidade propõe a quebra dos paradigmas corporais, os quais se explicitam principalmente pela domesticação do sujeito, pela organização do seu corpo dentro de espaços como prisões, hospitais, manicômios e até mesmo escolas.

Assim, quando o doido “endoida de jogar pedra”, ele desafia a ordem pública, devendo ser encaminhado para uma dessas instituições a fim de que o seu corpo possa ser (re)organizado. O tratamento da loucura, dessa forma, tem valor análogo ao de uma exorcização dos demônios, aparece como uma das práticas cognominadas por Foucault como correccionais responsáveis por castigar o indivíduo desordeiro, perigoso ou que ‘endoida de jogar pedra’:

Na repressão do pensamento e no controle da expressão, o internamento não é apenas uma variante cômoda das condenações habituais. Tem um sentido preciso, e deve

representar um papel particular: o de conduzir de volta à verdade através da coação moral.¹⁰

O que se busca, então, por meio de uma terapêutica correcional é o refinamento das ideias pela disciplina do corpo, pelo cerceamento dos comportamentos interpretados socialmente como nocivos e que se interpõem à verdade do Estado. Em relação ao personagem do doido, representado no texto de Carlos Drummond de Andrade, o que se objetiva quando o destinam à prisão é fazê-lo retomar um comportamento dócil, fazendo-o pagar pela transgressão manifestada pelo ato de “jogar pedra”.

2. A construção da loucura feminina no conto “A doida”

Um outro tipo de segregação da loucura aparece representado no conto “A doida”, do livro *Contos de aprendiz* de Carlos Drummond de Andrade, em que se narra a história de uma velha senhora reconhecida como louca por uma pequena vizinhança local:

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?¹¹

Diferente do que ocorre no segundo momento do texto lírico, a personagem do conto aparece segregada não pela prática do internamento, mas pelo completo esquecimento, pelo abandono a que se vê relegada justamente por carregar a insígnia da loucura como parte de sua biografia. Na descrição supracitada, é possível associar o descuido relativo ao lugar em que habita a doida com a sua própria condição de sujeito insano. Conforme se nota, a mulher reside em uma localidade maltratada, abandonada pelo poder público, situada nos extremos de

¹⁰ FOUCAULT, 2013, p. 112.

¹¹ ANDRADE, 2012, p. 29.

um lugarejo, onde passa um córrego que assinala a fronteira entre o espaço do velho, simbolizado pela doida, e do novo, representado pelos meninos que banham-se nas águas do rio. A condição infame da doida é indicada ainda pela posição à esquerda em que se situa o chalé ocupado pela personagem. Culturalmente, trata-se de uma direção maldita, dos presságios negativos, conforme denota a simbologia:

[...] A esquerda é a direção do inferno; a direita, a do paraíso. [...] A idade Média cristã não escapou a essa tradição, segundo a qual o lado esquerdo seria o lado feminino, em oposição ao direito, masculino. Sendo fêmea, a esquerda é igualmente noturna e satânica, segundo antigos preconceitos, por oposição à direita, diurna e divina. [...] As noções de esquerda e direita têm, entre os celtas, o mesmo valor que na Antiguidade Clássica, i. e., a direita é favorável, de bom agouro, e a esquerda é nefasta, de mau agouro.¹²

A caracterização negativa do lugar é enfatizada pela aproximação do chalé com o barranco, que numa associação com o mal da loucura pode lembrar o desequilíbrio; e ainda pelo declive áspero da rua que ajuda a reforçar a natureza desviante da loucura, o seu caráter não-linear, numa contraposição aquilo que é reto e que se relaciona aos parâmetros racionais. O abandono que caracteriza a vida da personagem doida vai sendo ratificado ainda ao longo do conto não apenas pela associação da história da mulher com o estado do lugar em que habita, mas pela ruptura com o mundo exterior, assinalada sobretudo pela falta de relações da personagem com qualquer vizinho ou parente:

Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada e eclipsava-se. Diziam que nessas caixas uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. [...] E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la.¹³

A doida assemelha-se, assim, a um ser maldito com o qual, por medo ou por desprezo, não se deseja estabelecer qualquer vínculo. Mesmo que não apareça exilada no espaço da internação, é desprezada pelo restante da cidade que não

¹² CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 341, 342.

¹³ ANDRADE, 2012, p. 30.

demonstra interesse em frequentar a sua casa, manter com ela alguma ligação afetiva. A respeito desse rompimento das relações de amizade e dos laços familiares, é importante destacar, a partir da percepção de Foucault (2013), que o louco tem sido tomado quase sempre como motivo de vergonha para a sua família e para seus amigos, sendo por esse motivo escondido do restante da sociedade.

Encontramos ainda nas colocações do filósofo francês uma possível explicação para o fato de a personagem da doida receber algum benefício, como o alimento trazido pelo padeiro ou a roupa enviada pelos primos. De acordo com o filósofo, a loucura, até certo ponto, foi acolhida, ao longo do período da grande internação, por uma prática de caridade: “Trata-se de recolher, alojar, alimentar aqueles que se apresentam de espontânea vontade, ou aqueles que para lá são encaminhados pela autoridade real ou judiciária”¹⁴. Entre a prática da punição e o ato de caridade, a loucura aparece como objeto que se deseja controlar. Se o sujeito insano recebe das instituições, da família ou dos amigos alguma assistência não é porque se busca acolhê-lo no meio social, mas como resposta a sua miserabilidade: “Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados”¹⁵.

Todavia, essa demonstração de piedade exige quase sempre que o louco se mantenha à distância, preso, que não participe do convívio da comunidade. Em caso de uma possível convivência, ela é interpretada como castigo ou penitência para o indivíduo considerado são, conforme se observa no texto literário: “Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passou a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolo de irrisão”¹⁶.

No conto de Carlos Drummond de Andrade não ficam esclarecidos os motivos que teriam desencadeado na personagem a perda da razão. A sua loucura aparece como uma construção social, visto que se erige galgada numa espécie de folclore sobre a sua índole. Isso ocorre pelo fato de as pessoas não

¹⁴ FOUCAULT, 2013, p. 56.

¹⁵ ANDRADE, 2012, p. 29.

¹⁶ ANDRADE, 2012, p. 30.

conviverem com a doida, mas, contraditoriamente, serem capazes de falar sobre ela, conjecturando a respeito das causas de sua insanidade:

Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento, uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebrandando-se. Os dois nunca mais se viram. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos racontos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo.¹⁷

Conforme se nota, existe uma tentativa de buscar no passado as causas do enlouquecimento da doida, apontando como possível motivo de sua loucura um confronto com a figura masculina do pai ou do marido. A mulher carregaria, assim, uma culpa que seria oriunda de uma consciência ética a respeito da loucura e do papel que o sujeito feminino deve exercer numa sociedade patriarcal, dentro da qual deve obediência ao homem, representado pela imagem paterna ou do esposo. Nesse sentido, espera-se que a mulher atenda a algumas expectativas como a de filha obediente, esposa submissa e boa mãe, exercendo as funções atribuídas a ela no espaço da família. Quando não atende a essas circunstâncias, a imagem da mulher é associada ao universo da anormalidade, tal qual assinala o estudioso:

No caso da loucura feminina, transgressão não atinge apenas as normas sociais, senão à própria natureza, que a destinara ao papel de mãe e esposa. [...] a sanção e a condenação para comportamentos anômalos acabam assumindo, no caso das mulheres, o caráter de julgamento mais profundo, e o comportamento “estranho” aparece aí como muito mais transgressivo: não o anti-social, mas o antinatural. Neste contexto, a loucura – doença terrível – não deixa de aparecer como uma vingança da natureza contra a violação de suas leis.¹⁸

¹⁷ ANDRADE, 2012, p. 29, 30.

¹⁸ CUNHA, 1986, p. 145.

Na narrativa de Drummond, a transgressão apareceria pelo possível envenenamento do pai e por algo que a mulher fizera na noite de núpcias e provocara o repúdio do marido. Num episódio e noutro, ela se comportaria de maneira contrária à natureza feminina, passando a ser reconhecida como doida justamente por infringir uma ordem estabelecida.

Mesmo que não passem de folclore, as relações desarmoniosas com o pai e com o marido servem para justificar uma agressão à mulher considerada doida, que é condenada ao esquecimento por meio da segregação imposta à loucura. No caso da personagem em questão, a natureza transgressiva de seu comportamento justifica até mesmo que receba agressões físicas, como mencionado no texto:

O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua doidade era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade.¹⁹

A agressão física ao sujeito insano parece ser justificada, historicamente, pelo uso de uma terapêutica da violência, enfatizada pela crença de que o louco é uma figura maldita. Conforme observa Foucault (2013), trata-se de uma terapêutica com valor moral, que atribui ao dano físico ou mental algum sentido de purificação. Nesse caso, a violência física passa a funcionar como uma espécie de remédio utilizado para mortificar um corpo desequilibrado.

Todavia, no desenvolvimento do conto de Drummond, o leitor acompanha um desfecho, ao menos em parte, surpreendente, quando a doida aparece acolhida, em seus momentos finais, justamente por um dos moleques que jogava pedra na vidraça do chalé. Depois de invadir a moradia da mulher, o garoto vai constatando uma calma e como tudo que se dizia a respeito da velha não passava de invenção nascida de dizeres preconceituosos a respeito de quem nem ao menos se conhecia: “[...] a doida não deu nenhum sinal de guerra. [...] Era simplesmente uma velha, jogada num catre preto de solteiro, atrás de uma

¹⁹ ANDRADE, 2012, p. 30.

barricada de móveis. E que pequenininha! [...] A própria idéia de doida desaparecerá”²⁰.

A partir do olhar humanizado da criança a ideia da loucura se desfaz. Em lugar da atitude de desprezo, construída pelo que se ouvia dos adultos, o menino passa a assumir uma ação responsiva em relação à velha, constatando que ela precisa, na verdade, é de cuidados: “Sentiu-se atraído para a doida, e todo desejo de maltratá-la se dissipou”²¹. Por fim, num gesto solidário, ao perceber que a velha está morrendo, o garoto decide ficar ao seu lado, fazendo o acolhimento de um sujeito que para o restante da cidade não passava de uma doida.

3. Considerações finais

Os textos de Carlos Drummond de Andrade, o poema e o conto, problematizam a relação da sociedade com a loucura, representando a anormalidade como uma construção social fundamentada nas práticas institucionais que emergem como instrumentos de controle sobre os sujeitos considerados perigosos para a comunidade. O doido e a doida são, assim, indivíduos que recebem o estigma da insanidade porque em algum momento de suas vidas transgrediram a ordem estabelecida. Na impossibilidade de falarem por si, transformam-se em objeto, perdem a sua identificação, tanto que não aparecem em momento algum nomeados pelo próprio nome, mas reconhecidos apenas por aquilo que aparece para o outro como uma falta, uma deficiência espiritual.

No caso específico da personagem do conto, a condição degradante do sujeito insano é enfatizada pelo fato de se tratar de um indivíduo mulher e idosa, assinalando com outros estigmas a sua identificação, visto que historicamente a mulher é um ser normalmente desprestigiado em relação ao homem, fato que na velhice se intensifica pela crença numa perda da capacidade

²⁰ ANDRADE, 2012, p. 33.

²¹ ANDRADE, 2012, p. 33.

da pessoa para as relações de trabalho, consoante observa Bosi (1994). Nesse sentido, a velhice por si já marcaria uma incapacidade levada ao extremo na narrativa de Drummond pelo diagnóstico folclórico da loucura que isola a doida, obrigando-a a morar num lugar marginal, abandonado, sem contato com os demais residentes da localidade.

Considerando a leitura crítica dos dois textos, conclui-se que o funcionamento essencial do poder é produzir fronteiras entre um possível mundo da razão e outro da loucura. Em lugar do respeito pelo que aparece como singular no outro, as instituições buscam domesticar os corpos rebeldes dentro de um regime, um modelo que deve ser seguido por todos. Dessa maneira, essa leitura crítica em torno de uma espécie de poética da loucura a partir da obra de Drummond torna oportuno o debate e a reflexão acerca das práticas culturais, especificamente literárias, que representam aqueles que se encontram às margens do processo hegemônico, como é o caso do sujeito considerado louco.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos de aprendiz*. 1ª.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: esquecer para lembrar*. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

FELMAN, S. *Writing and Madness*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1985.
FLAX, J. *Thinking fragments*. Berkeley/ Los Angeles: California University Press, 1991.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura: na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Currículo abreviado do autor

Roniê Rodrigues da Silva é doutor em Estudos da Linguagem, área de concentração em Literatura Comparada, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor Adjunto IV do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, onde ministra aulas de Literatura Brasileira e Estudos do Discurso e do Texto Literário. Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura de Língua Portuguesa-GEPOR.

Recebido em 16/11/2017.

Aprovado em 18/12/2017.